

TOMÁS SANTA ROSA E O CALEIDOSCÓPIO MODERNO E DA MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DA PARAHYBA (1909 -1932)



Thiago Brandão da Silva¹

RESUMO:

Trata-se de apresentar o afro-paraibano Tomás Santa Rosa em sua juventude, na Cidade de Parahyba, entre os anos de 1909 até 1932. Assim, pretende-se perceber uma singularidade biográfica afro-brasileira. Em seu espaço geracional e no seu tempo, Santa Rosa, presenciou as transformações da onda modernizadora que modificou a metamorfose urbanística da cidade e as tensões inscritas na aporia entre o antigo e o moderno. Sob a égide da História Social da Cultura e utilizando enquanto corpus documental fontes epistolares, jornais, revistas e bibliografias, buscou-se contribuir na elaboração de conhecimentos históricos e numa breve reflexão de como o Ensino de História pode ser ampliado com a inclusão da participação e do protagonismo de pessoas negras na História do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Tomás Santa Rosa; Cidade da Parahyba; Modernidade; Artes Visuais; Ensino de história.

TOMÁS SANTA ROSA, EYEWITNESS TO THE MODERN AND
MODERNIZATION OF THE CITY OF PARAHYBA (1909 - 1932)

ABSTRACT:

It is about presenting the Afro-Paraíba Tomás Santa Rosa in his youth, in the City of Parahyba, between the years 1909 and 1932. Thus, the aim is to perceive an Afro-Brazilian biographical singularity. In its generational space and in its time, Santa Rosa witnessed the transformations of the modernizing wave that modified the urban metamorphosis of the city and the tensions inscribed in the aporia between the ancient and the modern. Under the aegis of the Social History of Culture and using epistolary sources, newspapers, magazines and bibliographies as a documentary corpus, we sought to contribute to the development of historical knowledge and a brief reflection on how History Teaching can be expanded with the inclusion of participation and of the protagonism of black people in the History of Brazil.

KEYWORDS: Tomás Santa Rosa; City of Parahyba; Modernity; Visual Arts; History teaching.

¹ Doutorando em História (PPGH/UFPB). Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/CCHLA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7872454295287314>. E-mail: tbs.brandao88@gmail.com.

Introdução

O século XX é tangenciando por questões culturais ligadas ao avanço da indústria, aos embates ideológicos sobre a democracia e, especialmente, às estratégias de reintegrar os valores da vida à arte a partir dos novos meios de comunicação em massa, e tonificados pelos novos bens culturais de consumo, como livros (ilustrados), cartazes, jornais e revistas, além do rádio, cinema e televisão. A Modernidade é um marcador histórico que perpassa as esferas de elementos sociais: política, economia e cultura. O Brasil não estava excluído dessas “aventuras urbanas que influíam no traçado das cidades, nos seus hábitos de higiene, nos seus desejos de consumo” (REZENDE, 2016, p. 41).

A cada momento surge uma zona de intersecção que traz um entendimento de interação e integração entre o moderno e o tradicional (WILLAMS 2011; CANCLINI, 1998). Em síntese, como aponta o historiador Jacques Le Goff:

Aparecem três novos polos de evolução e de conflito: na passagem do século XIX para o XX, movimentos de ordem literária, artística e religiosa outorgam-se ou são rotulados de “modernismo” [...] simultaneamente por arrastamento e reação, aparece um novo conceito, que se impõe no campo da criação estética, da mentalidade e dos costumes: a “modernidade” (LE GOFF, 2013, p. 172).

Para nós, não interessa realizar uma investigação histórica/conceitual da modernidade; não é esse o nosso objetivo. Assim, elegemos evidenciar, a partir do testemunho da experiência de vida, vivida por Santa Rosa, no caleidoscópio moderno do que/como ele viu, viveu, sentiu, nos encantos e desencantos da modernidade em seu espaço geracional. A onda modernizadora² foi impulsionada

² Leva-se em consideração a definição processual da onda modernizadora definida por Nestor Canclini, que diz: “No final do século XIX e início do XX, impulsionadas pela oligarquia progressista, pela alfabetização e pelos intelectuais europeizados; entre os anos de 20 e 30 deste século [XX], pela expansão do capitalismo e ascensão democratizadora dos setores médios e liberais, pela contribuição de migrantes e pela difusão em massa da escola, pela imprensa e pelo

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

pela elite das grandes cidades. Destaca-se a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, por ser ela que repercute as primeiras transformações de modernização. Lima Barreto, escritor e redator, testemunha ocular da belle époque carioca, relata, em uma de suas passagens pelo centro da cidade, sobre as mudanças na paisagem histórica, a começar pelas “fachadas art nouveau feitas de mármore e cristal seus modernos lampiões elétricos, suas lojas de produtos importados e seus transeuntes vestidos à francesa [...]” (SCHWARCZ, 2017, p. 133). Na capital paraibana, a “cirurgia” urbanística realizada na Cidade da Parahyba teve por objetivo abrir novos espaços para convivência de sua elite. Isso não se deu sem embates em relação aos edifícios que passaram a não interessar o projeto político do urbanismo modernista.

Podemos citar como exemplo, o “caso das Mercês”, em que igrejas do Rosário dos Pretos, dos Homens e das Mêrces, foram, entre as décadas de 1920 e 1930 demolidas para “literalmente” dar espaço aos novos empreendimentos do embelezamento, do lazer, e da sociabilidade da elite paraibana, que contou, inclusive, com anuência do bispado paraibano³. Vale salientar que as irmãndades negras, a exemplo, do Rosário dos Pretos tinham por finalidade, desde período colonial, para além da sacristia cristã, amparar estrategicamente a população negra, realizando desde funerais, culminâncias festivas, e gestão de bens financeiros para compra de alforrias, além “[dos] cortejos fúnebres eram importantes para a comunidade negra porque eram momentos de se expor e, sobretudo, porque revelavam o prestígio da entidade” (LIMA, 2013, p. 91). A elite paraibana buscou acompanhar as mudanças em termo de estrutura, como no transporte, no saneamento básico, na distribuição de energia elétrica e na construção de espaços de sociabilidade (praças e coretos); a

rádio; desde os anos 40, pela industrialização, pelo crescimento urbano, pelo maior acesso à educação média e superior, pelas novas indústrias culturais” (CANCLINI, 1998, p. 65).

³ É o que conta o pesquisador em arquitetura e urbanismo, Menezes; segundo ele: “Não somente o viés da modernização da cidade explica o desaparecimento dessas igrejas, mas também o alinhamento ao projeto romanizador da Diocese da Parahyba, executado por Dom Adauto” (MENESES, 2014, p. 92).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

reforma urbanística e as mudanças de aspectos culturais se apresentaram como entroncamentos da modernidade na cidade da Cidade da Parahyba.

A modernização urbanística

Santa Rosa residiu na parte baixa da cidade — Rua da Passagem (nº 320), atual Rua da Areia, Cidade da Parahyba (atual João Pessoa), entre 1909 a 1932. A localização central de sua residência, certamente, ajudou-o a perceber e sentir as transformações da cidade. Ao subir a “ladeira da Borborema” quase diariamente e, seguir em direção à parte “alta” da cidade, quer seja para chegar à escola ou mesmo ao trabalho, ele pôde ver e viver as alterações iniciais pela nova morfologia citadina, dadas pelo processo de modernização que buscou “[...] criar imagens simbólicas de uma modernidade que não se estendia à cidade como um todo; enfim, um processo fruto das aspirações da elite local e cujos benefícios a essa se destinou”. (VIDAL, 2004, p. 51). A vida no espaço da urbe paraibana era uma mistura entre um pequeno núcleo urbano com viscerais características de uma gleba bucólica.

A chegada da luz elétrica (1910) não modificou em imediato a neblina obscura da cidade. A modernização por aqui enfrentou diversas peculiaridades, e em relação à instalação da iluminação elétrica, o desafio maior foi a compra de materiais importados e a demanda para frete de entrega. A cidade, mesmo com a inauguração dos primeiros postes elétricos, permaneceu com os serviços dos acendedores por mais dois anos. Ao escrever para o seu “amigo de sempre”, José Simeão Leal⁴, ele, Santa Rosa, relata seu testemunho ocular da noite citadina em um momento de descanso do exaustivo trabalho de contabilidade. Da janela de sua casa, diz ele:

As torres das igrejas varam o ar penumbroso e se recantam em silhueta...
há uma grande doçura no ar macio... e uma saudade nem sei de que”...

⁴ Para mais informações, veja a tese de doutoramento de Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, intitulada “José Simeão Leal: escritos de uma trajetória”. Há um capítulo em que a autora apresenta, por meio de correspondências e cartas, a amizade levada por toda uma vida até o falecimento de Santa Rosa em 1956.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Que contraste, meu amigo entre o ambiente methodico da Repartição e esta minha sala humilde, de luz que apagada, e com a janela escancarada, por onde eu estou vendo a beleza das cousas! [...]⁵.

A cidade vive uma expectativa moderna em meio à vida bucólica. Os aguadeiros, com seus burros de carga, recarregam as reservas de água nas cacimbas das casas. Os responsáveis por colher água nas bicas espalhadas pela cidade continuam trabalhando, mesmo quando o serviço de saneamento básico que levou água encanada é iniciado, em 1912. Apenas alguns moradores se beneficiaram com esse empreendimento, mas só dois anos depois de sua inauguração, por conta das especulações e estudos sobre a qualidade da água e o serviço de esgotamento. Conforme as confabulações do memorialista Coriolano de Medeiros:

[...] [Estimava-se] Tambiá o mais salubre e aprazível bairro da Paraíba e o escolhido para os passeios domingueiros, por causa de sua fonte. É verdade que as famílias nem sempre podiam visitar a bica, como a chamavam, em virtude de acumular também a função de banheiro público, mesmo depois de sua reconstrução, em 1889. Esse hábito alcançou o governo de Álvaro Machado que, remodelou a fonte, lhe deu um vigia e proibiu banhos (MEDEIROS, 1942, p. 09).

As condições de higiene e distribuição da água para população é uma pauta fulcral do projeto da modernidade. A Cidade da Parahyba buscou acompanhar as mudanças, porém, os esforços governamentais não foram o suficiente para impedir uma epidemia do vírus do cólera. Ao acompanhar os jornais do início do século XX, podemos identificar um cenário penumbroso, anunciado pelo fúnebre badalar dos sinais das igrejas, cujo objetivo era noticiar mais um falecimento; a morte rondava os moradores. Isso porque nas últimas décadas do século XIX e no início do XX, houve um surto alarmante de vírus comumente encontrado na água. A doença se alastrou, contando a seu favor com uma cidade em que a insalubridade era enorme e, portanto, de um ambiente propício para a proliferação do hospedeiro de tal enfermidade (ARAÚJO, 2001).

⁵ Carta enviada ao amigo Simeão Leal em 1929.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Em 16 de outubro de 1908, o jornal *O Norte* publica uma nota de pesar, informando: “[...] Anjo — finou-se antehontem, o pequeno Moacyr Santa Rosa, filho do senhor Thomaz Mauricio Santa Rosa. Seu enterro effectuou-se hontem pelas 4 horas. Pêsames aos seus desolados genitores [...]”⁶. Um ano após o casamento dos pais de Santa Rosa, a família já havia perdido precocemente três membros: Vlademir, Pelópidas e Moacyr. Assim, o pequeno “Bosinho” (maneira carinhosa que sua mãe o chamava) tornou-se arrimo de família, uma vez que, após seu pai abandonar a família, teve o desafio junto com sua mãe, enquanto único filho homem de “manter a casa”, e buscar o seu desabrochar de vida, vivida boa parte em sua cidade natal. Conforme Barsante (1982, p. 7), além de superar a morte de três filhos homens, Alexina Santa Rosa teve que prosseguir com a sua criação e de suas duas irmãs, já que seu pai “[...] abandonara a família para tentar a sorte no Amazonas e só voltou a revê-la nos últimos anos de sua vida [1953]”. Sua família se reorganiza em torno de sua mãe, Alexina, e de sua rede de apadrinhamento. Passaremos a compreender, a partir de sua trajetória na Cidade da Paraíba.

Santa Rosa e o caleidoscópio do antigo moderno

A família de Santa Rosa era formada por sua mãe, Alexina Santa Rosa, que se ocupava dos trabalhos de casa; e por seu pai, Tomás Mauricio Santa Rosa, que foi alfaiate de profissão. Os pais de Santa Rosa casaram-se três anos antes de sua chegada, tendo ainda mais duas filhas, suas irmãs mais novas: Cristina e Heliomar. Com a perda de seus irmãos, Santa Rosa, passou a ser arrimo de família, se encaminhado aos estudos e trabalho. Passou a frequentar a Quinta Cadeira Mista da Paraíba e, posteriormente, buscou admissão no Grupo Escolar Tomás Mindelo e no Lyceu Paraibano, instituição essa que à época atraía jovens filhos de famílias da aristocracia. A cidade padecia de uma estruturação educacional propensa aos

⁶ ANJO. *O Norte*, Cidade da Paraíba, 16 out. 1908. p. 02. [terceira coluna]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=120774&pasta=ano%20190&pesq=anjo&pagfis=1064>. Acesso em: 1º nov. 2020.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

desígnios da indústria moderna e sua demanda por uma mão de obra cada vez mais especializada. A economia educacional da cidade era alvo de críticas. Assim questiona o Padre Pedro Anísio, em 1921:

Afora os cursos de comércio e agromensura, que funcionam separados, no Lyceu por indicativa do ilustre Thomás Mindello, e a escola de “Aprendizes Artífices”, mantidos pelo governo federal, nada mais possui a Parahyba. E’ de uma pobreza de fazer dó. Nem um instituto agrícola, nem um curso de altos estudos técnicos ou comerciais, nem tão pouco escolas médias e as escolas de aperfeiçoamento econômico de tanta utilidade nos paízes cultos (ERA NOVA, 1921, p. 08).

É importante levar em consideração que na primeira metade do século XX, mais da metade da população brasileira era analfabeta⁷. Esse dado demonstra que ser letrado era ter um capital cultural e assegurar uma mobilidade social mínima. Ao observar a historiografia sobre biografias de homens e mulheres negros e negras após abolição da escravidão⁸, constata-se casos em que, pontualmente, o letramento conduziu trajetórias negras a ocuparem cargos, funções e profissões de boa remuneração e alto escalão. Isso obviamente não reverte a realidade de um país analfabeto, apenas nos ajuda a pensar a complexidade de trajetórias negras no pós-abolição. Santa Rosa é um exemplo de sujeito histórico negro letrado que, com capital cultural, chegou ao serviço público, no seu caso, ao Tesouro Estadual, logo após concluir o curso de contador.

A música entrou na vida de Santa Rosa ainda em sua infância. Foi na Catedral da cidade, a Igreja de Nossa Senhora das Neves, onde fez aulas de piano e canto. Já um pouco mais jovem, acompanhava aulas de música com um dos mais notáveis educadores musicais brasileiros, o paraibano Grazzi de Sá, que foi compositor, pianista e educador musical. Conta Santa Rosa, em carta enviada a José

⁷ “É fato que o censo de 1940 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística registra um total de 34.796.665 habitantes; destes, sabem ler e escrever na faixa etária de 05 a 29 anos, 13.292.605 pessoas, destas, 10.339.796 são brancas (IBGE, 1950)” (VEIGA, 2016, p. 272).

⁸

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Simeão Leal, possivelmente em 1923, sobre suas experiências nas aulas com Grazzi de Sá:

Fui e sahi maravilhado do interesse que o Grassi emprega em ministrar sua arte, resulta o estímulo e a aplicação catentes nos apresentados. [passa a descrever a aula citando o repertório, cita vários livros] que o maestro Gazzi de Sá, deu-me há dias tem-me trazido a descoberta de certos refinamentos da grande arte da arte transcendental Von Beethoven. Livro de pesquisas, a partir do íntimo do critério formidável, se estende à biografias de autores da anti-divina [...] escrevo-te às pressas, entre dois offícios, somente para fazer-te participar desse prazer magnífico que encontrarás se procurares a leitura de Mauclair [192?]

O seu testemunho apresenta um homem dividido entre o interesse pela arte, por aulas de música, pelo intercâmbio de livros e revistas e a vida do mundo dos ofícios dos “números”. E foi assim, ao passo que vivia a vida que tinha, que almejava a vida que queria. Santa Rosa era inquietante na busca pelo aprendizado, ia-se abastecendo do que havia em oferta cultural de sua cidade natal, ao passo que buscava melhores posições no trabalho no serviço público.

A dinâmica de modernização do mercado cambial também tangenciou a trajetória de Santa Rosa, uma vez que ele se ocupou no funcionalismo público paraibano (a partir de 1923). Certamente Santa Rosa seguiu a “vida dos números” por influência da função do seu padrinho, o sr. Tomaz Ferreira, membro de uma tradicional família da cidade (os “Ferreira Soares”) e funcionário de carreira de banco, sendo essa uma situação confortável para obtenção do emprego. É o amigo Ademar Vidal, futuro procurador da república no estado, que menciona ter ajudado diretamente

[o] Paraibano da rua da Direita, era lá onde me habituei a vê-lo com os desenhos que me mostra, trabalhando no serviço público do Estado e, anos depois, ocasionalmente, me encontrando com o poder nas mãos, sua situação fora melhorada como funcionário de Abastecimento de Água (VIDAL, p. 02, 1956).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Ao (re)apresentar Santa Rosa, Vidal age como um testemunho comprobatório⁹ de sua dualidade vivida pelo artista dos desenhos e funcionário público. Segundo documentos do Arquivo Estadual da Paraíba, o jovem Santa Rosa, naquele ano de 1928 (com apenas 19 anos de idade), ascendeu socialmente ocupando agora o cargo de Chefia Geral da Contabilidade da Repartição do Saneamento da Paraíba, ganhando o dobro do valor¹⁰. Santa Rosa soube se utilizar de uma rede de sociabilidade para cristalizar uma boa condição financeira em sua cidade natal.

Desde a infância Santa Rosa realizou feitos artísticos, inicialmente pintava estandartes para blocos carnavalescos locais; um pouco depois, encontrava-se como mencionou, Ademar Vidal “com seus desenhos nas mãos”, numa espécie de tática de estreiteza de laços em sua rede de sociabilidade, negociava desenhos, ilustrações e quadros. Faz-se importante salientar que a Cidade da Parahyba se destacou no mundo gráfico, especialmente com a Revista Era Nova, que passou a ocupar papel catalisador do microclima da intelectualidade paraibana.

A revista Era Nova circulou quinzenalmente, ainda que com falhas, entre 27 de março de 1921 e 24 de outubro de 1926, contabilizando 100 números regularmente publicados e uma edição especial comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Impressa em parte em papel couché, em parte em papel sulfite, quando as economias impeliam a isso, o periódico assumiu um projeto gráfico arrojado, tomado por tipografias e ilustrações nas bordas de inspiração art nouveau, e por muitas fotografias, retratando pessoas, prédios e paisagens (ABRANTES; BURITY, 2024, p. 123).

A trajetória de Santa Rosa na produção da indústria gráfica o coloca em meio aos expoentes do mundo gráfico. Tento atuado nas principais editoras do Rio de Janeiro. Após deixar o trabalho no banco, ele, Santa Rosa, resolve ir à capital do país,

⁹ Segundo Paul Ricoeur: “O testemunho nos leva, de um salto, das condições das “coisas” do passado (*praeterita*), das condições de possibilidade ao processo efetivo da operação historiográfica. Com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental” (RICOEUR, 2007 p. 170).

¹⁰ Ver SILVA, 2021, p. 81.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

sem emprego e com pouco recursos passa por dificuldades, dividindo hospedagem com amigos, a exemplo do escritor José Lins do Rego, pegando empréstimos com sua rede sociabilidade. Sem saber, após o momento inicial ele se consagraria, sobretudo após o boom da indústria gráfica e a expansão do mercado de livros e revistas, como “[...] o maior produtor gráfico de livros do Brasil, responsável quase que sozinho pelas transformações estéticas do livro brasileiro nos anos de 1930-1940” (HALLEWELL, 2017, p. 512). Antes de ser considerado por especialista da história das artes gráficas como o “Pai do livro moderno”, Santa Rosa buscou estratégias e táticas em/com sua rede de sociabilidade para superar desafios e dificuldades, e assim, tornar possível o horizonte de seu protagonismo na “arte de vestir livros” (BUENO, 2015).

A indústria gráfica, enquanto engrenagem da comunicação em massa, ensejou o novo público consumidor ao mercado de novos bens culturais, impulsionando desejos e gostos, ajudando a legitimar as distinções sociais a partir do consumo. (BOURDIEU 2007). Por outro lado, o setor editorial de revistas e jornais “[...] estavam sempre em busca de ilustrações para suas matérias, frequentemente encomendando retratos e desenhos aos artistas mais cotados no mercado” (MICELI, 1996, p. 19).

Foi nesse ínterim que, aos dezessete anos de idade, aproveitando uma conjuntura de expansão e transformações do setor gráfico paraibano, Santa Rosa é contratado pela Revista Era Nova. O editor não poupa elogios e, com uma verve de insigne prestígio apresenta no número 93 a mais nova contratação da revista, o ilustrador Santa Rosa. O empreendimento de investimentos feitos à referida revista, assim como a peculiar atenção dada pelo poder público a ela, pode ser explicado porque boa parte dos seus integrantes também preenchiam as repartições governamentais partidárias da política local, afinal, “não se cobrava por tal o que era de costume, mas que este ‘desconto’ era compensado com a propaganda do Estado que o periódico fazia com frequência em suas páginas” (ABRANTES; BURITY,

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

2024, p. 138). O que por um lado foi estratégia de sobrevivência e de qualidade da revista, tornou-se prática propagandista de obras públicas da reforma urbanística e promoção em homenagens ao presidente de estado e seus aliados.

Sendo assim, tornou-se ela a principal revista ilustrada da cidade. Consta em seu editorial, em 1926, um convite ao leitor para conhecer um novo membro:

A família intelectual de Era Nova conta, de agora por diante, com mais um membro, é Santa Rosa Júnior, o jovem desenhista parahybano, cujo talento acaba de revelar-se à elite espiritual da nossa terra, estimulado por um sem número de repetidos espontâneos louvores. Elle bem os merece porque a sua vocação artística, cheia de uma claridade vitoriosa de juventude creadora, é das que se impõem e se afirmam desde o primeiro momento. Não se deixando influenciar, mesmo por talentos já consagrados do Brasil e no estrangeiro, a sua arte faz-se digna de atenção por uma nota viva de originalidade.” (ERA NOVA, n. 93, 1926, p. 39).

O esplendor do anúncio do mais novo ilustrador da revista é complementado com a informação que a capa é uma realização do mais novo integrante, Santa Rosa. Sua presença na produção gráfica em sua cidade natalícia ainda precisa ser analisada com maior rigor e profundidade, haja vista que é esse um dado recente da pesquisa; o que será desenvolvido posteriormente. Por agora, leitor(a), fiquemos com a capa de sua autoria e a fotografia do jovem Santa Rosa. O conjunto da foto é o seu testemunho visual de sua aparência, haja vista que sua vestimenta, postura e o cenário de estúdio evidenciam seu posicionamento (KOSSOY, 2012).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 1 - Foto e ilustrações de Tomás Santa Rosa na revista Era Nova – 1926



Capa, Nº 93, 1926

Fonte: Infográfico produzido a partir do acervo da Fundação Casa de José Américo (FCJA).

A Revista é também palco do debate intelectual sobre a modernização da cidade e do movimento literário e artístico modernista. Por ela, é possível observar feições discursivas sobre a onda modernizadora. O fato é que o horizonte de mudanças de comportamentos, costumes e hábitos da dinâmica social, não foram aceitas sem questionamentos, pelo contrário, boa parte da geração de jovens intelectuais, do tempo de Santa Rosa, estava decidida em, paradoxalmente, defender a modernização a partir de uma tradição cultural antimoderna.

Foi assim que, em 1921, o ainda jovem historiador Horácio de Almeida - um dos principais personagens do IHGP (Instituto Histórico Geográfico Paraibano) espaços de produção intelectual da cidade, e como menciona Dias (1996), importante na produção da paraibanidade. Em “O Poder da moda”, Almeida evidencia em suas impressões, o seu posicionamento em relação ao novo mercado de bens de consumo:

Moçoilas catilas e espevitadas desaforam-se de corpinhos e sobem vestidos e descem os decotes para os pitaratas galanteadores analysem em seus contornos a perfeição artística de suas joias. Insatisfeitas com a

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

liberdade que gozam, disputam o direito de voto e com este o direito de representação (ERA NOVA, 1921, p. 15).

Já para o escritor José Américo de Almeida, que posteriormente publica o monumental livro “A Paraíba e seus problemas”, a questão era deixar “as coisas no lugar”. Américo de Almeida, em seu texto “A invasão do coco”, após uma longa confabulação acerca do espaço praieiro e dos benefícios do lazer veraneio, imputa ao coco de roda - dança afroindígena de forte presença nos litorais nordestinos, sobretudo nos estados de Alagoas, Paraíba e Pernambuco, - o seu lugar na pequena urbe moderna:

E assim, cada qual sacode sobre si os cuidados da vida em expansão que iludem a morbidez da raça. Antes, reprochava-se esse passa tempo; mas, afinal de contas, o côco vem ingressando na cidade, vem indo pela avenida João Machado [boulevards da cidade] e tem ares de querer forçar o próprio clube Astréia. Não! seu ritmo, seus cantares, seu acompanhamento de bombos e caracaxás só têm graça na praia, entre a mata e o mar. Na cidade seria um desastre! (ERA NOVA, n. 25, 1922, p. 08).

Os exemplos acima evidenciam uma certa contrariedade quanto às mudanças tangenciadas pela nova tendência moderna, quer seja pelos desígnios da moda, quer seja pela busca de distinguir a cultura: de salão, da rua, da praia, do popular. À geração¹¹ que testemunhou ao olhar as transformações, restou se assegurar na tradição cultural pautada no apoio à modernização em detrimento às vicissitudes da modernidade. A missão intelectual vista anteriormente exemplifica posicionamento de uma geração, numa “missão paradoxal dos intelectuais e artistas [que] seria a de iluminar, com esplendor das inovações estéticas, os valores tradicionais negligenciados” (CANCLINI, 1998, p. 101). O que para nós chama atenção são as estratégias de uma plêiade de intelectuais ávidos em se legitimar socialmente.

¹¹ Na nova história política a qual dialogamos, o conceito de geração é entendido para além de sua faceta periódica. Conforme Sirlinelli, ela é “assim como o econômico, o social, o político e o cultural não avançam no mesmo passo, e as gerações, em relação a esses diferentes registros, são de geometria variável, tal plasticidade também existe verticalmente em relação ao tempo. (SIRINELLI, 2006, p. 131).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Os anseios da pléiade de intelectuais locais busca legitimar uma distinção social, o que significa dizer que, ao compreender o desenvolvimento da estrutura e do funcionamento de sistemas de relações de produção intelectual enquanto determinante na dinâmica social, eles tentavam legislar e legitimar parâmetros e critérios dos valores culturais de uma tradição.

Como vimos, é no início do século XX, a partir da instalação dos primeiros dispositivos de infraestrutura moderna, como luz elétrica e estrutura de requisitos básicos em higiene (saneamento básico, água encanada), que foram benfeitorias restritas ao pequeno aglomerado urbano do perímetro central da cidade. Assim, o trinômio “embelezar” (por meio da construção e iluminação de praças e coretos), “sanear” (através do tratamento da água encanada e do esgotamento sanitário) e “circular” (a partir da utilização de bondes e da construção de novas ruas largas) no espaço-tempo geracional de Santa Rosa mais emblemata do que efetiva as mudanças e projeções realizadas pela elite paraibana.

Nesse sentido, o presente texto buscou difundir o campo historiográfico do pós-abolição que, entre outras possibilidades, tem circunscrito estudos sobre biografias e trajetórias de personagens negros e negras da história do Brasil. Os estudos biográficos, a exemplo do afro-paraibano da pequena urbe paraibana Santa Rosa, é também uma maneira de ampliar e questionar as regionalidades na produção da História. Afinal, há de se pensar em Santa Rosa como um personagem local ou nacional, afro da Paraíba, ou protagonista da diáspora? O certo é, que seja ainda mais possível refletirmos sobre personagens em diásporas, temas, espaços de atuações e agências negras, indo para além da fronteira territorial/ setentrional da historiografia.

Nosso objetivo aqui foi apresentar o afro-paraibano, Tomás Santa Rosa em sua juventude na Cidade da Parahyba, entre os anos de 1909 até 1932. A apresentação de uma singularidade biográfica afro-brasileira tem por objetivo

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

contribuir para os estudos afro-pedagógicos e para os conhecimentos históricos e ensino de História. Pesquisas de trajetórias negras no pós-abolição têm ampliado o entendimento acerca de atuações protagonistas na História do Brasil, evidenciando atuações em diversos âmbitos desde associações, clubes sindicatos, parlamento, isso pode ser exemplificado pelo aparecimento de enciclopédias e coletâneas biográficas. Assim, se questiona o quanto que esse promissor cenário de produções repercutido em livros didáticos e paradidáticos. Também se contesta de que modo e em que medida essas representações são levadas em consideração quanto ao Ensino de História, considerando a Lei 10.639/03 que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB/nº 9.394/1996, com a inserção dos artigos 26-A, 79-A e 79-B, que em suas Diretrizes Curriculares Nacionais, em que propõem a inserção e a “valorização da participação de africanos e de seus descendentes em episódios da história do Brasil” (2004, p. 96).

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Alômia; BURITY, Luiz Mário Dantas. A revista Era Nova na Paraíba: notas de um modernismo de Estado. **PÓS:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 31, maio-ago. 2024. ISSN: 2238-2046. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.48780>.

ARAUJO, Edna Maria Nobrega. **Uma cidade, muitas tramas:** a cidade da Paraíba e seus encontros com a modernidade (1880-1930). 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001. f. 162.

BARSANTE, Cássio Emanuel. **Santa Rosa em cena.** Rio de Janeiro: Inacem, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção:** crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp, 2007.

BUENO, Luis. **Capas de Santa Rosa.** São Paulo: Ateliê Editora, 2015.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da Modernidade. Tradução de Heloisa Pezza Cinturão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 1998.

DIAS, Margarida Maria Santos. ***Intrepida ab origine.*** O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora LTDA, 1996.

FLORES, Elio Chaves; ROCHA, Solange Pereira. Trajetórias comparadas de homens negros de letras no Brasil: ensino de História, biografias e sociabilidades. In: OLIVEIRA, Ariosvalber de Souza; SILVA, Moisés Alves da; AIRES, José Luciano de Queiroz (org). **Nas confluências do axé:** refletindo os desafios e possibilidades de uma educação para as relações étnico-raciais. João Pessoa: Editora do CCTA, 2015, p. 141-183.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil:** sua história. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Edusp, 2017.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. Sobre os ombros de gigantes: os pilares clássicos do primeiro livro do Metalogicon de João de Salisbury. **Revista Medievalis**, v. 1, n. 2, p. 28-40, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013.

MARTINS, Eduardo. Instituições paraibanas de cultura (1880 -1941). In: **Revista da Academia Paraibana de Letras**, n. 8, João Pessoa, Editora A União, 1978, p. 175 - 180.

MENESES, Marcondes Silva. **O processo de demolição e desmonte das irmandades religiosas na cidade da Parahyba (1923-1935):** o caso das Mercês. 2014. (Mestrado em Arquitetura) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal da Paraíba, 2014. f. 165.

MICELLI, Sergio. **Imagens negociadas.** Retratos da elite brasileira (1920-40). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alan François. Campinas: Unicamp, 2007.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

SANTA ROSA, Tomás. [Correspondência]. Destinatário: José Simeão Leal. João Pessoa, [192-?]. 1 carta.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Thiago Brandão da. **Fragmentos de uma história de vida**, o afro-paraibano Tomás Santa Rosa Jr. (1909-1956): entre vivências, intelectualidades, ditos e feitos artísticos. 2021. 202 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Artes - UFPB, João Pessoa, 2021.

SIRINELLI, Jean François. Geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006, p. 131-139.

VIDAL, Ademar. O autodidata. **O Norte**, João Pessoa, p. 2, 13 dez. 1956.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2011.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade